

UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS
INSTITUTO DE CIÊNCIAS HUMANAS, COMUNICAÇÃO E ARTES
DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

DOMÍCIO FERNANDO MENDONÇA FARIAS

A IDEOLOGIA ALEMÃ

Teoria, método e crítica historiográfica nas origens do materialismo histórico

Maceió

2023

DOMÍCIO FERNANDO MENDONÇA FARIAS

A IDEOLOGIA ALEMÃ

Teoria, método e crítica historiográfica nas origens do materialismo histórico

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Instituto de Ciências Humanas, Comunicação e Artes (ICHCA), da Universidade Federal de Alagoas (UFAL), como requisito parcial para a obtenção do grau de Licenciado em História.

Orientação do Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel

Maceió

2023

**Catálogo na fonte Universidade
Federal de Alagoas Biblioteca Central
Divisão de Tratamento Técnico**

Bibliotecária: Taciana Sousa dos Santos – CRB-4 – 2062

F224i Farias, Domício Fernando Mendonça.

A ideologia alemã : teoria, método e crítica historiográfica nas origens
do materialismo histórico / Domício Fernando Mendonça Farias. – 2023.
41 f.

Orientador: Osvaldo Batista Acioly Maciel.

Monografia (Trabalho de Conclusão de Curso em História: Licenciatura)
– Universidade Federal de Alagoas. Instituto de Ciências Humanas,
Comunicação e Artes. Maceió, 2023.

Bibliografia: f. 40-41.

1. A ideologia alemã (Manuscrito). 2. Marxismo. 3. História. 4.
Materialismo histórico. I. Título.

CDU: 930.1

FOLHA DE APROVAÇÃO

DOMÍCIO FERNANDO MENDONÇA FARIAS

A IDEOLOGIA ALEMÃ

Teoria, método e crítica historiográfica nas origens do materialismo histórico

Trabalho de Conclusão de Curso submetido ao corpo docente do Departamento de História da Universidade Federal de Alagoas em 11 de outubro de 2023.

Prof. Dr. Osvaldo Batista Acioly Maciel

(Universidade Federal de Alagoas)

Orientador

Banca Examinadora:

Prof^ª. Dr^ª. Irinéia Maria Franco dos Santos

(Universidade Federal de Alagoas)

Prof. Dr. Anderson da Silva Almeida

(Universidade Federal de Alagoas)

AGRADECIMENTOS

Esta provavelmente foi a parte mais difícil de escrever deste trabalho, nestes quase 7 anos de graduação vivi intensamente a universidade, posso afirmar com certeza que a UFAL mudou a forma como eu enxergo o mundo e pretendo retornar em breve aos corredores do ICHCA, lugar que considero minha segunda casa, dado o tempo que passei por aqui. Entrei na UFAL com 17 anos e estou saindo com 24, durante a graduação enfrentar uma pandemia que ceifou milhares de vidas e que me deixou longe da sala de aula por quase dois anos, não foi fácil retornar, perdi colegas de curso (Janaína Presente!) e tive enormes dificuldades de retornar ao “novo normal”, mas a vida não para, ainda mais no sistema em que vivemos.

Primeiramente gostaria de agradecer a minha família, em especiais aos meus pais Viviane e Alberto que tanto sacrificaram para me fornecer uma educação básica de qualidade, sem o apoio deles não teria conseguido adentrar ao ensino superior. A minha mãe do coração, dona Vilma, responsável por toda minha criação e que moldou o homem que sou hoje, seu amor me inspirou a sempre buscar ser melhor! As minhas irmãs/primas Luciana e Luisiane que tanto me auxiliaram durante minha vida, e a Graça por ter me inspirado a sempre estudar e adentrar a UFAL. Agradeço também a todos meus tios, tias e sobrinhos que torceram por mim nessa jornada.

Aos meus amigos de infância Gustavo e Josué, a minha vida não seria a mesma sem estes irmãos que a vida me deu, vocês sempre fizeram mais alegre e estiveram do meu lado em todo o momento, sendo um desafogo neste mundo tão caótico! Aos muitos amigos e amigas que fiz durante minha graduação, em especial Tamara, Manuela e Munik; A amizade de vocês tornava tudo mais leve, por muitas vezes vocês foram a alegria dos meus dias, amo muito vocês, lembrarei de vocês sempre com muito carinho.

Ao movimento estudantil e todas as entidades que compus: Centro e Diretório Acadêmico de História Dirceu Lindoso, DCE Quilombo dos Palmares e a FEMEH! Em especial aos meus camaradas Paulo, Teresa, Jackson e Giovanna, é uma honra poder falar que trabalhei com esses militantes tão comprometidos com a luta! E um imenso prazer chamá-los de amigos!

A gloriosa União da Juventude Comunista (UJC), que me formou enquanto militante desde minha entrada em suas fileiras em 2019, em especial aos meus camaradas ilustres Alex, Gabriel

Ferreira, Matheus e Danilo, obrigado por tudo que me ensinaram! Vocês sempre foram minhas referências! Até a vitória final camaradas!

Aos docentes com quem tive o prazer de conviver durante minhas aulas da Graduação, tentei absorver o melhor de cada um de vocês! Desde o Prof. Alberto Lins Caldas responsável por um choque de realidade nas aulas de introdução, passando pelo rigor da Prof^a. Arrizete que me ensinou a ter uma escrita melhor e sempre acreditou em meu potencial, ao Prof. Anderson que sempre me inspirou em suas aulas, a Prof. Irineia que sempre buscou extrair o meu melhor, ao Prof. Robertinho por me ensinar a ser humilde e a observar a História com outros olhos, ao Prof. Elias por sua ousadia em trazer estudos inéditos para o curso, ao Prof. Saldanha que me inspirou a estudar o movimento estudantil, a Prof. Clara por sua força e dedicação exemplar e claro, não podia deixar de lembrar da querida Prof. Ana Paula Palamarthuk que nos deixou tão cedo, jamais esquecerei das conversas rápidas de corredor ou enquanto você fumava na mesa de fora, as suas aulas serão sempre lembradas, vou levar comigo suas risadas e seu jeito estranho de ser, você é e sempre será uma grande inspiração para mim e para todos que passaram por suas disciplinas!

Ao meu orientador Prof. Osvaldo Maciel com quem tive o prazer de realizar esta pesquisa através do PIBIC por dois ciclos, sendo premiado com excelência acadêmica no primeiro e que me orientou no atual trabalho, obrigado por todos os ensinamentos e horas de dedicação!

E por último e não menos importante, gostaria de agradecer a minha companheira Giovanna, com quem desejo compartilhar uma vida, por todo amor, carinho, carinho, dedicação e paciência comigo durante a produção deste trabalho! Seu amor me inspira a continuar!

Por fim, gostaria de agradecer a todos que estiveram comigo nesta trajetória, este trabalho até então é o trabalho da minha vida, espero continuar com minha pesquisa na pós-graduação, fico muito feliz em concluir mais esta etapa tão importante, este TCC é fruto de um trabalho coletivo, a dedicação de todos que estiveram presentes na minha graduação me permitiram escrever este trabalho.

"O capitalismo falhou, falha e falhará em cada uma das sociedades aonde ele colocar os seus tentáculos que se baseiam na expropriação e na exploração do homem pelo homem. É isso que nós combatemos!"
(João Carvalho

RESUMO

O presente trabalho busca analisar a influência de *A Ideologia Alemã*, manuscrito de Karl Marx e Friedrich Engels que foi abandonado pelos autores logo após sua escrita (1845-1846) mas que tornou-se decisivo para entendermos a perspectiva marxista da história. Através do estudo biográfico de Marx (e, em parte, Engels) no período entre 1843 e 1848 e realizando o debate sobre a filologia das edições histórico-críticas (MEGA1, MEW e MEGA2), compreendemos que os manuscritos forneceram uma concepção sistematizada de análise da sociedade historicamente constituída, dialogando criticamente com conceitos essenciais para a História acadêmica que se produzia até então, cujo impacto maior se dará ao longo de todo o século XX, contribuindo para um melhor alcance da perspectiva do materialismo histórico, renovando-o e não abandonando-o com sinalizam alguns teóricos.

Palavras-chave: História, Teoria, Marxismo, Ideologia, Materialismo histórico, Método.

ABSTRACT

The present work seeks to analyze the influence of *German Ideology*, a manuscript by Karl Marx and Friedrich Engels that was abandoned by the authors shortly after it was written (1845-1846) but which became decisive for understanding the Marxist perspective of history. Through the biographical study of Marx (and, in part, Engels) in the period between 1843 and 1848 and the debate on the philology of the historical-critical editions (MEGA1, MEW and MEGA2), we understand that the manuscripts provided a systematized conception of analysis of historically constituted society, critically dialoguing with essential concepts for the academic History that has been produced until then, whose greatest impact will be throughout the entire 20th century, contributing to a better reach of the perspective of historical materialism, renewing it and not abandoning it -o with signaling some theorists.

Keywords: History, Theory, Marxism, Ideology, Historical materialism, Method.

SIGLAS E ABREVIATURAS

MEGA - *Marx-Engels Gesamtausgabe*

MEW - *Marx-Engels Werke*

MEGA2 - *Marx-Engels Gesamtausgabe 2*

IME – *Instituto Marx-Engels*

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
CAPÍTULO I.....	15
1.1 – As Edições Histórico Críticas.....	16
1.2 – MEGA2: um novo Marx?.....	19
1.3 – A concepção Materialista da História.....	21
CAPÍTULO II.....	24
2.1 – Paris: A descoberta do proletariado.....	25
2.2 – De Paris a Bruxelas: Radicalização e produção teórica.....	27
2.3 – A Ideologia Alemã e o debate do materialismo histórico.....	30
CAPÍTULO III.....	33
3.1 – Um fio condutor.....	33
3.2 – As bases históricas do materialismo.....	34
3.3 – Categorias fundamentais em A Ideologia Alemã.....	36
CONCLUSÃO.....	39
REFERÊNCIAS.....	42

INTRODUÇÃO

O tema deste estudo foi escolhido a partir de uma pesquisa de mesmo tema desenvolvida através do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação Científica (PIBIC) da Universidade Federal de Alagoas (UFAL) nos ciclos 2019-2020 e 2020-2021. Desde minha entrada no ensino superior muito me espantou o lugar periférico dado a literatura marxista dentro do curso de História, ao contrário do discurso que circula pelos quatro cantos de que os historiadores são todos comunistas, os departamentos de história das universidades brasileiras estão longe de produzir uma “historiografia marxista”. Longe disso, os docentes e as pesquisas deste campo são minoritários dentro dos cursos, muitas vezes isolados e com pouco espaço entre os pares. Observa-se um movimento cada vez maior de crítica metodológica e historiográfica ao marxismo e consequentemente ao materialismo histórico enquanto método de análise. Ao mesmo tempo, visualizamos a consolidação ou fortalecimento de três outras importantes perspectivas historiográficas: a chamada escola dos Annales, o historicismo e a historiografia da matriz foucaultiana, com acento em autores como Nietzsche.

Durante minha graduação, nas disciplinas que cursei, nos eventos que participei, nas discussões de orientação e no contato que tive com companheiros de graduação e pós-graduação em História de outras universidades pude observar que na maioria dos cursos de graduação em atividade no país, encontram-se quatro atitudes em relação a perspectiva teórica e historiográfica marxista: a) o puro e simples abandono, silenciando o debate crítico em torno dessa perspectiva; b) uma leitura seletiva, vulgarizada e esquemática da produção marxista, facilitando uma crítica que não diz respeito aos avanços produzidos pela vertente em tela; c) a marginalização dos historiadores marxistas a um gueto com dois ou três defensores dessa perspectiva em cada curso, quando muito; e por fim, d) um uso tópico, pontual ou anódino, após uma prévia assepsia de todo cariz revolucionário, tal como ocorre com leituras de Eric Hobsbawm e Edward Thompson. Essa situação impõe, por exemplo, que a reflexão sobre o século XIX, na produção de novos procedimentos e técnicas, ampliação das fontes utilizadas, construção de um método adequado à pesquisa histórica, e também os fundamentos teóricos

desse processo de cientifização e disciplinarização da História enquanto campo de produção do conhecimento, deixe de fora teóricos de envergadura na produção da teoria social que não apenas dialogaram explicitamente com a “consciência histórica” de seu tempo, mas que produziram conhecimento historiográfico no sentido clássico do termo. Entendemos que para reverter esta situação é preciso produzir uma reflexão e síntese teórica e historiográfica que leve em consideração a produção de Karl Marx, Friedrich Engels e outros teóricos marxistas.

Para analisar a concepção de história contida em *A Ideologia Alemã* a partir da hipótese do desenvolvimento da concepção do “materialismo histórico” e de uma reflexão crítica acerca do debate metodológico e historiográfico, utilizamos de uma metodologia qualitativa. Foram utilizadas biografias sobre Karl Marx, além de vasta literatura marxista com foco maior em historiadores, mas contando também com textos auxiliares de sociólogos, além da leitura aprofundada d’*A Ideologia Alemã*, com um foco maior na sua primeira parte¹.

No primeiro capítulo, analisamos a importância de Marx para a renovação da historiografia do século XX, com destaque para a obra *A Ideologia alemã* e do materialismo histórico enquanto método de análise. A partir de uma leitura crítica dos historiadores Eric Hobsbawm e Pierre Vilar, elencamos alguns textos em que se debate este tema, com destaque aqui para (HOBBSAWM, Sobre História, 1998) e (VILLAR, Marx e a História. In: História do Marxismo, 1979) mas também realizamos leituras de textos auxiliares de sociólogos como David McLellan e Edmundo Fernandes Dias. Esse material nos forneceu um aporte teórico importante, dando uma melhor dimensão de alguns elementos, principalmente relativos às categorias que nos interessam, estas incorporadas pelos historiadores e cientistas sociais a partir do final século XIX, mas principalmente no século XX, e que foram essenciais para o processo de transformação da historiografia, mesmo com uma série de limites que as primeiras gerações de historiadores mantinham por suas posições dogmáticas e mecanicistas de tipo econômico-determinista.

No segundo capítulo, analisamos a trajetória de Marx no período entre 1843 e 1846. Para tanto, foram utilizadas três biografias escritas por historiadores: Karl Marx: Grandeza e Ilusão, do inglês Gareth Stedman JONES (2017), Karl Marx: Uma vida do século XIX, do estadunidense Jonathan SPERBER (2014), Karl Marx: Uma biografia dialética, do brasileiro Angelo SEGRILLO (2018). Por fim ainda adicionei a mais recente biografia de Marx produzida

¹ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** (crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas). Trad. Rubens Enderle [et all] – São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. (a)

no Brasil, escrita por um dos grandes pesquisadores da obra de Karl Marx no país e no mundo, o professor José Paulo NETTO (2020), que escreveu Karl Marx: uma biografia. A partir da leitura crítica dessas obras, foi possível identificar diferentes visões acerca da conjuntura vivida, assim como do próprio Marx, desde a ideia de ser um autor construído a partir das necessidades do século XX (e que teria apenas “fortuita semelhança” com quem realmente viveu no século XIX) a um refugiado político, perseguido por seus perigosos posicionamentos e obras extremamente críticas ao que estava posto no cenário político europeu da metade do século XIX, e que a partir das reflexões e concepções viria a ser revolucionário.

O estudo desse período da vida de Marx e Engels é essencial para compreender como se deu o rompimento com os jovens hegelianos, mas principalmente com a tradição filosófica alemã, pois, *A Ideologia Alemã* representa a apresentação de uma nova concepção filosófica da História a partir de categorias essenciais da dialética marxista (trabalho, modo de produção, forças produtivas, formas de intercâmbio etc.). Contudo, é necessário analisar a complexidade dessa formulação dada a maneira como ela foi editada e publicada postumamente, por se tratar de um texto incompleto, inacabado; com isso, estudar as edições histórico-críticas (MEGA1, MEW e MEGA2) deu um suporte em relação a filologia do texto, mas sobretudo ressaltou a importância desse texto para as bases do marxismo, de forma a preencher uma lacuna existente até a publicação integral do manuscrito em 1932.

Já no último capítulo, escolhemos o rascunho das páginas 36 a 72. Originalmente concebido como parte de uma crítica a Max Stirner, intitulada “São Max. Novo Testamento. A sociedade como sociedade burguesa”² de *A Ideologia alemã*. Nossa escolha levou em conta principalmente o desenvolvimento das seguintes categorias trabalhadas no fragmento: Divisão do trabalho, propriedade, formas de intercâmbio e forças produtivas. Cada elemento, categoria ou informação precisou ter seu significado concretizado a partir da totalidade argumentativa do texto completo. Mesmo sendo um trabalho inacabado, julgamos importante esse procedimento de leitura, que se aproxima da leitura imanente filosófica (COSTA, 2009). As categorias destacadas foram incorporadas pelos historiadores e cientistas sociais a partir do final século XIX, mas principalmente no século XX, e que foram essenciais para o processo de transformação da historiografia.

² MARX; ENGELS, pp 51-78, 2007(a)

CAPÍTULO I

UMA DÍVIDA HISTÓRICA? MARX E A HISTÓRIA

Entretanto, aqueles dentre nós que se lembram dos primeiros encontros com o materialismo histórico podem ainda testemunhar a imensa força liberadora dessas simples descobertas. (HOBSBAWM, p. 159, 1998)

O século XIX ficou marcado pelo estabelecimento do que conhecemos hoje como “História científica”, logo foi o período na qual ficaram instituídos o conjunto de critérios empíricos para avaliar certos tipos de evidência documental e as técnicas auxiliares necessárias para estabelecer os “fatos”³. Leopold von Ranke é um dos principais expoentes deste movimento, sendo reconhecido, por seus trabalhos de nítido viés institucional. De grosso modo as obras deste período são intensamente marcadas pelo chamado Historicismo, a metodologia criou uma narrativa de tendências cronológicas, comprometida com o estudo dos “fatos”, a História possuía como objeto o singular, havendo ênfase de temas como a História da política, da guerra e da diplomacia, mas por sua rigidez metodológica a disciplina tinha um caráter hegemônico retrogrado. Ao final do século XIX já é possível observar movimentos contrários a esta forma de analisar a História, e que foram aos poucos introduzindo um novo referencial.

De acordo com Eric Hobsbawm⁴, ao analisarmos a evolução da historiografia do final do século XIX até a metade do XX, fica evidente a influência de Karl Marx para a História acadêmica, introduzindo um referencial materialista no lugar do idealista e por ressaltar a importância da base econômica para o desenvolvimento histórico:

Sem dúvida alguma, a influência do marxismo foi, desde o início, muito considerável. Em termos gerais, a única outra escola ou corrente de pensamento, visando à reconstrução da história e dotada de influência no século XIX, era o positivismo (grafado ou não com maiúscula inicial). O positivismo, filho tardio do Iluminismo do século XVIII, não conseguiria conquistar nossa admiração irrestrita no século XIX. Sua maior contribuição à história foi a introdução de conceitos, métodos e modelos das ciências naturais na investigação social, e a aplicação à história, conforme parecessem adequadas, das descobertas nas ciências naturais. Não foram realizações

³ HOBSBAWM, Eric. Sobre História. São Paulo: Cia. das Letras, 1998. (p.153)

⁴ HOBSBAWM, p. 155

insignificantes, mas eram limitadas, ainda mais porque a coisa mais parecida com um modelo de mudança histórica, uma teoria da evolução nos moldes da biologia ou geologia, e extraindo tanto estímulo e exemplo do darwinismo a partir de 1859, é apenas um guia muito tosco e inadequado para a história. Consequentemente, foram poucos os historiadores inspirados por Comte ou Spencer, e, como Buckle ou mesmo os grandes Taine ou Lamprecht, sua influência na historiografia foi limitada e passageira. A fragilidade do positivismo (ou Positivismo) era que, a despeito da convicção de Comte de que a sociologia era a mais elevada das ciências, tinha pouco a dizer sobre os fenômenos que caracterizam a sociedade humana, em comparação àqueles que poderiam ser diretamente derivados da influência de fatores não sociais, ou modelados pelas ciências naturais. As concepções que ele apresentava sobre o caráter humano da história eram especulativas, quando não metafísicas. (HOBBSAWM, pp. 155-156, 1998)

O contato com a concepção materialista da história levou historiadores franceses da escola dos *Annales* à historiadores e cientistas sociais de países da Ásia e América Latina a conduzir um processo de transformação e até mesmo de criação da historiografia moderna desses países, ao afirmar isso, Hobsbawm é muito cauteloso na forma como analisa as obras que se identificam ou que se mostram inspiradas pelo pensamento marxista, e chega a considerar parte dessa historiografia como “marxista vulgar”, pela sua tendência de transformar a história em uma das ciências sociais, por abarcar elementos como: A interpretação econômica da História, o modelo da “base e superestrutura”, as simplificações teóricas e o determinismo histórico de forma dogmática. Apesar da clara influência, está se deu de modo muito seletivo e não refletiam a dialética complexa do pensamento de Marx ⁵, seu maior trunfo neste sentido era a crítica ao positivismo, pois, a redução dos conceitos e fenômenos implicou numa série de limites a estas obras. Apesar disso, mesmo esse marxismo vulgar significou um avanço em relação à produção da historiografia anterior a ela, o materialismo histórico neste período chegou por muitas vezes a ser definido, até mesmo por marxistas como “determinismo econômico”⁶.

1.1 – As Edições Histórico Críticas

O empreendimento editorial da Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA) ainda na década de 1930 e da Marx-Engels Werke (MEW) a partir de 1956, foram essenciais para a sofisticação da historiografia marxista, pois, com a publicação e difusão de textos como *A Ideologia Alemã* e os *Grundrisse* de 1857-8, ficou mais clara a necessidade de abandonar posições dogmáticas e

⁵ HOBBSAWM. pp.161, 1998.

⁶ HOBBSAWM. pp. 156

de criticar os esquemas simples e mecanicistas de tipo econômico-determinista.⁷ Vale ressaltar que, mesmo sendo muito importantes para o desenvolvimento da História acadêmica, o modelo estrutural-funcional de sociedade desenvolvido e aplicados nas análises de Marx e Engels precisam ser mais explicitados, assim como é necessário abandonar certos vestígios de positivismo presentes em suas formulações, mais evidentes nas formulações de Engels do que no pensamento de Marx, como ressaltava Hobsbawm:

O que chamamos de escritos históricos de Marx consistem quase exclusivamente de análise política corriqueira e comentários jornalísticos, associados a um certo grau de contexto histórico. Suas análises políticas usuais, como *Lutas de classes na França* e *O 18 Brumário de Luís Bonaparte*, são realmente notáveis. Seus volumosos escritos jornalísticos, ainda que de interesse irregular, contêm análises do maior interesse — entre os quais seus artigos sobre a Índia — e, em todo caso, são exemplos de como Marx aplicava seu método a problemas concretos, tanto de história quanto de um período que depois se converteu em história. Mas não eram escritos como história, tal como a entendem aqueles que se dedicam ao estudo do passado. Por fim, o estudo de Marx sobre o capitalismo contém uma quantidade enorme de material histórico, exemplos históricos e outros materiais relevantes para o historiador. (HOBSBAWM, pp. 170)

Com a morte de Marx em 1883, Engels acabou ficando responsável pelos milhares de páginas de manuscritos que Karl havia produzido, uma enorme quantidade de textos, cartas e correspondências. A ideia inicial era completar e traduzir as obras de Marx, de modo que até a morte de Friedrich vários textos chegam a ser publicados. Depois disso a maior parte do legado dos manuscritos dos dois autores passou para as mãos de Eduard Bornstein e, portanto, do Partido Social-Democrata Alemão (SPD), que tomou a iniciativa de propagar os textos através de jornais e revistas, reeditando-os ou trazendo-os a público ao longo das duas décadas finais do século XIX e na primeira década do século XX.

Neste contexto, de intensa atividade política dentro do movimento dos trabalhadores na Europa, surge um importante personagem pra compreender o surgimento de uma edição sistemática do legado de Marx e Engels, David Riaznov, militante do movimento social-democrata russo e da Segunda Internacional, onde em um dos congressos foi destacado a reunir e publicar documentos sobre a Primeira Internacional, o que lhe rendeu acesso a diversas bibliotecas por toda Europa, e consequentemente ao legado literário de Marx⁸.

Mais de 80 anos após os manuscritos que compõe *A Ideologia Alemã* serem produzidos, é publicada pela primeira vez na União Soviética sob os cuidados de Riazanov, no primeiro

⁷ HOBSBAWM, pp.167, 1998.

⁸ CERQUEIRA, 2015, p. 828

volume do Marx-Engels Archiv, uma pequena parte da obra. Esta seção, intitulada “Feuerbach”, mas dedicada, sobretudo, à sua concepção de história, contém a primeira exposição da teoria que Marx elaborou no transcurso dos anos de estudos filosóficos, históricos e econômicos, aquela que mais tarde definiria como o “fio condutor” de suas próprias investigações⁹. O texto surge em uma conjuntura que merece atenção, dado o momento histórico: Após a revolução Russa de outubro de 1917, a conseqüente guerra civil que dura até 1923 e num momento de estruturação da União Soviética como um país socialista, logo, o texto apresenta conceitos e concepções importantíssimas para estruturar as bases filosóficas que constituiriam o marxismo ao longo do século XX.

Ainda em 1919, Vladimir Lenin deu a incumbência a Riaznov para dirigir o recém-criado Instituto Marx-Engels (IME) em Moscou, que iniciou o processo de reunir um acervo vasto (livros, artigos, periódicos, manuscritos, etc.) que estava espalhado por toda Europa, foi através do IME que textos inéditos como os Manuscritos Econômicos-Filosóficos e A Ideologia Alemã, foram publicados, futuramente esses materiais viriam a ser publicados em versão integral através do ambicioso projeto de uma edição histórico-crítica de obras completas de Marx e Engels:

O plano editorial da primeira MEGA previu o lançamento de 42 volumes divididos em quatro partes ou seções. A primeira seção, com 17 volumes, deveria reunir os escritos de Marx e Engels com exceção daqueles relacionados a O Capital, que seriam objeto dos 13 volumes da segunda seção. A terceira parte deveria abrigar toda a correspondência de Marx e Engels, incluindo a correspondência entre os dois autores, mas também suas cartas a Lassalle, Weydemeyer, Kugelmann, Freiligrath e outros. Finalmente, o plano original previa também uma quarta parte composta de dois volumes contendo índices temáticos e de nomes. (CERQUEIRA, 2015, p. 829)

O esforço editorial da MEGA sucumbiu nos anos 1930, vítimas do stalinismo e do nazismo, que adiaram a possibilidade de ver concluída uma edição completa das obras de Marx e Engels. Em 1931, Riazanov foi preso e deposto da direção do IME. A direção do Instituto foi submetida a partir de então ao controle do Partido Comunista, foi confiada a Vladimir Adoratskij e boa parte do seu staff de pesquisadores foi demitida. A ascensão do nazismo provocou a emigração e a dispersão da rede de pesquisadores colaboradores do IME na Alemanha e contribuiu decisivamente para o fim do projeto editorial da MEGA que ao todo publicou 11 volumes entre os anos de 1927 e 1935¹⁰.

⁹ MUSTO, pp. 12-13

¹⁰ CERQUEIRA, 2015, p. 829

Na década de 1950, após diversas reviravoltas políticas o espaço tornou a se abrir para que o plano de uma edição crítica voltasse a ser discutido tanto em Moscou como em Berlim. o Instituto de Marxismo-Leninismo de Berlim Oriental deu início a um projeto editorial menos ambicioso: a edição de uma coleção, a Marx Engels Werke (MEW), que totalizaria 41 volumes publicados entre 1956 e 1968¹¹. Mesmo não sendo completa, se constituiu como edição mais abrangente entre as disponíveis. Rapidamente foi adotada como referência pela maioria dos estudiosos de Marx e serviu de base para traduções em diversas línguas.

1.2 – MEGA2: um novo Marx?

No final dos anos 1960, os Institutos de Marxismo-Leninismo (IML) de Moscou e de Berlim deram início aos trabalhos para a edição de uma segunda Marx-Engels-Gesamtausgabe, a MEGA2. Após o lançamento de um volume de teste em 1972 foram estabelecidos os princípios editoriais que deveriam presidir a nova edição. Ficou decidido que ela deveria ser absolutamente completa, incluindo a íntegra das obras publicadas e dos textos inéditos de Marx e Engels, os cadernos de excertos e notas, assim como as cartas de autoria de terceiros e dirigidas a ambos. Ficou estabelecido ainda que cada material deveria ser transcrito na língua em que foi escrito e a ortografia e a pontuação originais deveriam ser preservadas.¹²

Inicialmente previu-se a publicação de 164 volumes. Posteriormente, com as dificuldades de financiamento do projeto, esse número foi revisto para 114 volumes. Cada volume é composto de dois tomos: o primeiro, contendo os textos de Marx e Engels, e o segundo, com o aparato crítico da edição. Os volumes estão distribuídos em quatro seções: a primeira, de textos e rascunhos não relacionados à *O Capital*; a segunda, com as várias edições de *O Capital* e o material preparatório relacionado ao livro; a terceira, com a correspondência de (e para) Marx e Engels; e a quarta, contendo os extratos, anotações e notas marginais. Após a dissolução da União Soviética e a queda dos regimes no Leste Europeu, o financiamento do projeto se tornou um problema crítico. Em 1990, o Instituto Internacional de História Social (IISG)¹³, o IML de Moscou, a Academia de Ciências de Berlim e a Karl Marx Haus juntaram-se para constituir uma fundação – a Internationale Marx-Engels-Stiftung

¹¹ CERQUEIRA, 2015, p. 832

¹² CERQUEIRA, 2015, p. 832

¹³ Em neerlandês: Internationaal Instituut voor Sociale Geschiedenis

(IMES), sediada em Amsterdã – que assumiu a direção da MEGA com a responsabilidade de assegurar não apenas os recursos para o trabalho, mas também a uniformidade e a qualidade acadêmica do empreendimento. Para tanto, o projeto foi internacionalizado, com a constituição de grupos de trabalho em diferentes países (o Japão, a França, os EUA, além da Rússia e da Alemanha, entre outros), atuando sem qualquer constrangimento político ou ideológico. O número previsto de volumes foi reduzido, com a eliminação de cerca de 30 volumes da quarta seção que conteriam as notas marginais feitas por Marx e Engels em textos que leram. (CERQUEIRA, 2015, pp. 832-834)

Com a publicação dos volumes da MEGA2 (pouco mais de 60 volumes publicados até o momento) foi possível notar que o Marx que está emergindo desse longo e penoso esforço de edição é, em muitos aspectos, bastante distinto da imagem que tínhamos dele até aqui e que foi forjada por gerações seguidas de adeptos e de críticos de seu pensamento.¹⁴ Antes de tudo, há que reconhecer a natureza inacabada e incompleta de sua obra, característica que deve orientar a leitura e a compreensão dos textos que nos legou. Não apenas Marx publicou pouco em comparação com o volume de manuscritos que redigiu e o esforço de pesquisa que realizou ao longo de sua vida, como é preciso reconhecer que em muitos aspectos sua obra é fragmentária e aberta, além de não concluída.¹⁵

No que diz respeito à Ideologia Alemã, a primeira edição do texto foi publicada e traduzida durante décadas no formato em que veio a público pela primeira vez, em 1932, no interior da primeira MEGA. Neste período a obra foi apresentada e lida como se contivesse uma formulação mais ou menos acabada do chamado materialismo histórico, que estaria apresentado especialmente no capítulo intitulado “I. Feuerbach”. Ocorre que o texto editado por Riazanov e, mais tarde, Adoratskij difere em muito do manuscrito deixado por Engels e Marx:

Na verdade, partes do conteúdo do manuscrito original foram remanejadas nas primeiras edições de modo a, entre outras coisas, produzir o consagrado capítulo sobre Feuerbach a partir de vários fragmentos dispersos. Isso ficou claro durante os trabalhos de edição do volume I/5 da MEGA2, que deverá conter o material relacionado a Ideologia Alemã. A equipe encarregada desse volume publicou em 2004 um número especial do Marx-Engels-Jahrbuch na forma de um “volume de teste”, contendo partes

¹⁴ CERQUEIRA, 2015, p.389

¹⁵ MUSTO, 2007

do manuscrito reunidas como textos independentes e ordenados cronologicamente, na forma em que foram deixados pelos autores. Dessa edição, resultou evidente a natureza não unitária do texto, seu caráter não apenas inacabado, como também fragmentário, o que nos obriga agora a repensar seu lugar na elaboração teórica de Marx. (CERQUEIRA, 2007, p. 839-840)

Os textos que compõem A Ideologia Alemã ainda aguardam uma edição definitiva, que está prevista para o volume I/5 da MEGA2, ainda não publicado. No Brasil, a editora Boitempo publicou em 2007 uma edição que reproduz o manuscrito de acordo com o original, tendo como base para a primeira parte a pré-publicação do livro na *Marx-Engels-Jahrbuch 2003*¹⁶. Assim, os manuscritos do capítulo “I. Feuerbach” aparecem em sua fragmentação originária, dispostos em partes independentes e em ordem cronológica. Além disso, essa nova edição demonstra que a redação da obra se inicia com o artigo “Contra Bruno Bauer”, escrito por Marx logo após a publicação de A Sagrada Família¹⁷. Apesar da importância do caráter crítico-filológico ter aumentado a cientificidade da edição, de certo modo, dificultou a leitura da obra.

Poucas obras desafiam com tantas possibilidades a análise crítica, os métodos de leitura e de interpretação de textos clássicos, mas também a história do livro, a chamada história intelectual e a história das ideias, bem como as formas de disseminação do pensamento filosófico ocidental. O debate acerca da filologia das edições histórico-críticas das obras de Karl Marx e Friedrich Engels ganhou um novo fôlego com a publicação da MEGA2, surgem novas possibilidades de leitura de obras que até então consagradas, e já podemos observar novas formas de interpretar o pensamento de Marx e Engels, contudo, se observa uma dupla sentença nas críticas ao autor, ao passo que intelectuais comemoram a oportunidade de conhecer manuscritos até aqui inéditos, há um processo de buscar um Marx “desideologizado”, uma tentativa de apagar o seu “lado militante” ou até mesmo torna-lo “menos radical”.

1.3 – A concepção Materialista da História

A concepção materialista da história é até hoje fruto de intensos debates entre historiadores marxistas e não-marxistas, originada entre 1845-46, essa concepção foi desenvolvida no curso

¹⁶ Amsterdam, Akademie Verlag, 2003

¹⁷ MARX; ENGELS, 2007, p. 19.

da crítica à filosofia, ideologias e aos seus ideólogos, e se encontra elaborada em *A ideologia alemã*:

Essa concepção da história, portanto, baseia-se na exposição do processo real de produção — começando da produção material da vida em si mesma — e abrangendo a forma de relações associadas com e criadas por esse modo de produção, isto é, a sociedade civil em suas várias etapas, enquanto base de toda história; descrevendo-a em sua ação enquanto Estado, e também explicando como todos os diferentes produtos teóricos e formas de consciência, religião, filosofia, moralidade etc. etc., dela derivam, e acompanhando o processo de sua formação a partir dessa base; dessa forma, a coisa toda pode, é claro, ser descrita em sua totalidade (e consequentemente, também, a ação recíproca desses vários aspectos entre si). (HOBBSAWM, pp. 172-173, 1998)

Segundo Pierre Vilar¹⁸, apesar dos manuscritos de *a ideologia alemã* manterem um caráter ainda filosófico, carregam lições no tocante à noção de história, e faz com que elas não sejam apenas técnicas, científicas, são elementos que o historiador deve ter presente, mas também, com frequência, considerações a inserir na volumosa pasta de discussões sobre a história, sobre a necessidade do “espírito histórico” em geral, senão mesmo de um “historicismo” sistemático.

Os manuscritos que compõe a Ideologia alemã contêm por vezes, fórmulas, páginas que desenvolvem o essencial do que deve um dia guiar o trabalho historiográfico¹⁹, Marx e Engels em seu “exame de consciência filosófico” esboçaram o que seriam as bases do materialismo histórico:

A Ideologia Alemã não é um livro de história; mas é seguramente obra de historiadores: antes de mais nada, por causa dos princípios que extraímos do texto, mais explícitos, menos expostos à exegese imprudente do que algumas formulações posteriores, sistematizadas, sedutoras pela sua concisão; depois, por causa de alguns desenvolvimentos parciais, que serão, porém, melhor tratados nos escritos mais tardios, mas onde já se delineia o domínio na exposição, embora com diferentes graus de informação. Conhecemos suficientemente as leituras de Marx na época da Ideologia Alemã para estar em condições de avaliar o progresso que estava realizando no conhecimento do passado das técnicas, das economias, da história social. (VILLAR. pp. 113, 1979)

Para Eric Hobsbawm a concepção materialista da história presente em A Ideologia alemã não é história, mas um guia, um programa de pesquisa. “É a base da explicação histórica, mas não a explicação histórica em si”²⁰. Embora tudo o que Marx escreveu esteja impregnado de história, ele próprio não escreveu muita história tal como os historiadores entendem, o grosso

¹⁸ VILAR, Pierre. Marx e a História. In: Eric Hobsbawm (Org.). **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (pp. 104-106)

¹⁹ VILAR, p.100, 1979.

²⁰ HOBBSAWM, p. 173, 1998.

da obra histórica de Marx está integrado nos seus escritos teóricos e políticos, estes consideram o desenvolvimento histórico em um quadro referencial de maior ou menor duração, abrangendo a amplitude global do desenvolvimento humano. Uma característica essencial do pensamento histórico de Marx é a de não ser nem “sociológico” nem “econômico”, mas ambos simultaneamente. As relações sociais de produção e reprodução (ou seja, organização social em seu sentido mais amplo) e as forças materiais de produção não podem ser divorciadas²¹. Por fim, o historiador inglês considera que Marx continua a ser a base essencial de todo estudo adequado de história, porque, até agora, apenas ele tentou formular uma abordagem metodológica da história como um todo, e considerar e explicar todo o processo da evolução social humana.²² É verdade que isso não se deu apenas graças a Karl Marx, mas o marxismo foi provavelmente a principal influência na “modernização” da historiografia.

²¹HOBSBAWM, p. 165, 1998.

²² HOBSBAWM, p. 180, 1998.

CAPÍTULO II

ESTUDOS, EXPERIÊNCIAS, DIÁLOGOS E CONFLITOS

Difícilmente existirá na história mundial outra figura que reúna, em uma unidade harmoniosa e genial, a concentração de pensamento teórico sobre a compreensão do mundo burguês, a fome inextinguível de superar esta forma de exploração do homem pelo homem, a permanente aspiração a destruir este mundo de exploração mediante a sua transformação revolucionária de alto a baixo. (Riazanov, 1928, p. 7)

O materialismo histórico-dialético é desenvolvido, em sua fase inicial de formulação, através dos estudos, experiências, diálogos e conflitos que Karl Marx (e, em certa medida, Friedrich Engels) terá durante os anos de 1843 a 1848, período que compreende a sua saída da Prússia para Paris, as vivências na capital francesa, e a posterior fuga para Bruxelas, onde foi convidado por Engels a visitar a Inglaterra, e finalmente seu retorno à capital Belga. O estudo desse período da vida de Marx e Engels é essencial para compreender como se deu o rompimento com os jovens hegelianos, com a tradição filosófica alemã, mas principalmente observar como se deu o amadurecimento intelectual do pensamento dos autores e quais os motivos que os levaram a criar uma concepção, uma nova chave para a leitura da realidade concreta, radicalmente histórica.

Karl Marx nasceu em Trier, cidade alemã da região da Renânia, no ano de 1818, foi o terceiro filho de nove em uma família das camadas urbanas médias da época. O ambiente em que nasceu diz muito sobre o futuro do autor, a Alemanha naquele período possuía uma dinâmica filosófico-cultural de altíssimo nível, portadora de uma complexidade e riqueza relativamente incomparáveis às daqueles países da Europa²³. Desde muito novo foi influenciado pelo racionalismo do pai, o advogado e funcionário público Heinrich Marx que observou sua grande curiosidade e inteligência, e lhe estimulou com as grandes literaturas da época (Homero, Dante, Shakespeare, Schiller e Goethe). Com 12 anos iniciou seus estudos no

²³NETTO, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020, p. 39-40.

Liceu Friedrich Wilhelm ainda em sua cidade natal e aos 17 anos completou os estudos e foi estudar direito na Universidade de Bonn²⁴.

Após estudar apenas dois semestres em Bonn, seu pai Heinrich convence o jovem Karl a se transferir para a Universidade de Berlim, onde inicialmente matricula-se nos diversos cursos de Direito, mas com o passar dos semestres vai se dirigindo cada vez mais para os estudos da filosofia e sua história²⁵. Em Berlim, Karl Marx mantém uma intensa atividade intelectual, estuda sistematicamente as obras dos autores da filosofia clássica alemã, como Kant, Fichte e em especial Hegel. A partir de 1837, participa mais ativamente das ferventes discussões político-filosóficas que ocorriam dentro dos círculos intelectuais da então capital da Prússia, se inserindo na disputa pelo legado de Hegel, que tinha de um lado “ala direita”, representada pelos conservadores e a “ala esquerda” na qual se encontravam os “jovens hegelianos”²⁶. No verão deste mesmo ano, começa a frequentar o Clube dos doutores, liderado por Bruno Bauer, com quem manteria vínculo durante todo seu período na academia e posteriormente nos jornais *Deutsche Jahrbucher*²⁷ e *Rheinische Zeitung*²⁸. Em 1841, recebe o título de doutor em filosofia ao apresentar a dissertação: *Diferença entre a filosofia da natureza de Demócrito e a de Epicuro*²⁹

2.1 – Paris: A descoberta do proletariado

Nos anos após sua formação, a partir de seus estudos sistemáticos, escritos nos jornais e correspondências é possível observar os motivos que levam Marx de uma posição republicana (1841) ao comunismo (1844) sua relação, discussões e debates teóricos com Bruno Bauer, Arnold Ruge, Ludwig Feuerbach, Friedrich Engels, Moses Hess e Max Stirner e outros. Traçar essa relação é essencial para a compreensão do emaranhado em que Marx estava envolvido a época. Entre 1841 e 1843, embarcará em sua primeira experiência jornalística nos periódicos *Deutsche Jahrbucher* e *Rheinische Zeitung*, estudará sistematicamente a teoria do Estado em Hegel, mas também despertará para a importância da economia dentro do Estado, após um período morando em Kreuznach, casa-se com Jenny Von Westphalen, sua companheira até o fim da vida, e posteriormente é obrigado a sair da Prússia devido a censura empregada pelo

²⁴ NETTO, 2020, pp. 42-43.

²⁵ NETTO, 2020, p. 43

²⁶ NETTO, 2020, p.51

²⁷ Em português Anais alemães, Jornal republicano alemão que pertencia a Arnold Ruge.

²⁸ Em português: Gazeta Renana foi um jornal alemão do século XIX, editado por Karl Marx que promovia críticas ao autoritarismo na Prússia, mantinha uma linha reformista radical que gerou seu fechamento por parte do governo local, e consequentemente forçou a saída de Marx e outros intelectuais que faziam parte do projeto.

²⁹ NETTO, 2020, p. 56.

Estado local para pôr um fim em jornais republicanos radicais, democráticos e progressistas, em suma contrários à política do Estado prussiano, e finalmente em outubro de 1843, chegada à Paris, e na capital francesa inicia o projeto *Deutsh-Französische Jahrbücher*³⁰, que gerou intensos debates no seio dos jovens hegelianos com a mudança de muitos deles para a França.³¹

Esse fato foi essencial para o desenvolvimento de Marx, pois, foi a partir do diálogo, estudos e discussões sobre a questão social, a propriedade privada, a organização do trabalho e o proletariado, com os socialistas na França, como Pierre-Joseph Proudhon e Louis Blanc, assim como as brigas mais diretas levantadas dentro do grupo dos jovens hegelianos, sobre o Estado representativo moderno, a religião (de modo especial, o cristianismo e o judaísmo), a emancipação humana e o materialismo, que geraram os avanços necessários para a crítica final ao idealismo de Hegel e consequentemente deu as bases necessárias para a construção do materialismo histórico. Entretanto, não foi somente a partir de debates de natureza teórica e abstrata que Marx chegou a este ponto, mas também por toda a situação política e social que estourava pela Europa, assim como seu contato mais direto com a condição do proletariado francês, já que Paris era a segunda maior cidade da Europa, com mais de 1 milhão de habitantes³².

O ambiente era extremamente favorável para os intelectuais que compunham o *Deutsh-Französische Jahrbücher*, devido ao grande público e o alcance que o jornal poderia ter, além do fato de que na década de 1840 o comunismo e o socialismo se tornaram pautas de interesse entre a intelectualidade de esquerda e a classe trabalhadora, e era reflexo da mudança real nas preocupações sociais e políticas, isso era resultado de uma sobreposição crescente entre as antigas obsessões republicanas radicais com igualdade, e o novo interesse, predominantemente socialista, pela “associação” como solução para a questão trabalhista. O período que compreende a estadia de Marx em Paris até sua fuga para Bruxelas em fevereiro de 1845, é muito bem trabalhado na biografia de Marx escrita pelo historiador inglês Gareth Stedman Jones, ao indicar que os ensaios de Marx foram responsáveis pelas discussões dentro do grupo dos Jovens hegelianos, como *Sobre a Questão Judaica*, uma crítica direta a Bruno Bauer, que vai tratar da diferenciação da emancipação humana em detrimento à emancipação do ser

³⁰ Em português: Anais Franco-Alemães foi um projeto encabeçado por Arnold Ruge e Karl Marx, em Paris a partir do final de 1843, tinha como objetivo reunir intelectuais franceses e alemães para discutir questões político-filosóficas. Apesar do nome, nenhum autor francês chegou a participar do projeto, que teve apenas uma edição, que ficou famosa pelo ensaio intitulado Sobre a Questão Judaica, no qual Marx criticava duramente um ensaio publicado por Bruno Bauer.

³¹ JONES, Gareth Stedman. **Karl Marx: grandeza e ilusão**. São Paulo: Cia. das Letras, 2017, p.

³² JONES, 2017, p. 168.

humano da religião. Este debate vai levantar importantes aspectos da relação entre indivíduo, religião e o Estado. Além dessa obra, temos também a *Introdução a Crítica da Filosofia do Direito de Hegel*, um breve e importante ensaio que apresenta a chegada de Karl ao socialismo, apresentando o proletariado enquanto classe explorada, que surge do desenvolvimento industrial e representa a “base material” no processo de mudança revolucionária. O ensaio também se tratou de uma crítica completa à religião, que tinha por objetivo desmascarar a autoalienação, pois, “abolir a religião como felicidade ilusória do povo é exigir sua felicidade real”. Dentro do grupo dos *Jahrbücher* os textos de Marx ocasionaram um grande impacto, Arnold Ruge enquanto idealizador do projeto o critica duramente, por sua personalidade e estilo de vida, mas principalmente por seu discurso e crítica radical. Aqui vale levantar a seguinte questão: apesar de colocar o proletariado no cerne da transformação social e política naquele momento histórico, ainda não é possível afirmar uma passagem de Marx do socialismo para o comunismo, até o final de 1844, vários elementos tiveram grande importância para que após sua fuga para Bruxelas, estivesse com os “dois-pés” no comunismo.

2.2 – De Paris a Bruxelas: Radicalização e produção teórica

A análise feita por Jonathan Sperber (2014, p. 119-237) e Angelo Segrillo (2018, p. 57-127) aborda a vida de Marx a partir de uma ótica diferente da levantada por Stedman Jones. Este foca em rever com minuciosidade as discussões e embates políticos de Marx durante 1843 a 1848 e sua relação para com o contexto da época, levantando a tese de que muitas das obras de Marx estão relacionadas mais diretamente com o seu tempo, e que há uma re-elaboração de pensamento dele no seu pós-morte. Por sua vez, Sperber e Segrillo trazem algumas informações adicionais que levantam pontos importantes e novas abordagens que serão de grande valia para os objetivos do presente trabalho.

Sperber apresenta um texto enxuto e de forma mais sucinta refaz novamente a trajetória do Mouro³³ da Prússia à Paris e de Paris a Bruxelas (1843-1844). Nessas passagens retrata-o primeiro enquanto refugiado político, devido a mudança para a capital francesa, de forma que pudesse dizer o que pensava sem temer censura ou leitores excessivamente críticos, deixando claro a radicalidade que gostaria de expressar junto aos jovens hegelianos. Um dos grandes trunfos do Sperber com certeza é abordar, de forma sintética, os autores lidos por Marx, o que

³³ Mouro foi o apelido de Marx, dado por suas filhas que não o chamavam de pai, por causa de seus cabelos negros e tom de pele “mate”.

nos ajuda a compreender melhor quais as bases teóricas utilizadas para construção intelectual e crítica, por exemplo, durante sua passagem por Kreuznach, local de seu casamento, a leitura de alguns clássicos da teoria política, como Montesquieu, Maquiavel e Rousseau, teriam contribuído para essa inflexão³⁴.

Neste trabalho os manuscritos e ensaios escritos por Karl são apresentados de forma linear e servem de termômetro e indicativo dos avanços teóricos e políticos. O manuscrito da *Crítica a Filosofia do Direito de Hegel*³⁵ é encarado como a primeira incursão no campo da teoria, entretanto, não continha referências a economia política, à classe trabalhadora e nem ao socialismo. De acordo como Sperber (2014, p. 127-128) ao chegar à França, Marx encontrou o cenário político e social perfeito para se expressar de forma que não fosse coagido. Logo passou a ter contato direto com ativistas políticos da classe trabalhadora e frequentou tavernas na companhia de artesões pertencentes a sociedades secretas e a associações legais de interesse comum. Nesse período, foi convidado por Arnold Ruge a participar do projeto *Deutsch-Französische Jahrbücher*, após o início do projeto Ruge adoece e Marx passa a editar a revista. Aqui é abordada uma questão importante para entendermos o passo em que estava a relação de Karl com o comunismo.³⁶ A única edição desses Anais documenta o início do amadurecimento intelectual de Marx rumo ao comunismo, trazendo os já citados ensaios sobre a questão Judaica e a Introdução a crítica da filosofia de Hegel. Após o fracasso econômico que foi a empreitada de Ruge e o rompimento entre ele e Marx³⁷, Sperber vai citar os Manuscritos de Paris de 1844, também conhecido como “Manuscritos econômico-filosóficos”³⁸, momento na qual “cai de cabeça” nos livros de economia, e inicia sua parceria com Friedrich Engels, e com isso passa a desenvolver suas “ideias comunistas”³⁹.

A partir de 1845, o historiador estadunidense vai tratar Marx sob a perspectiva revolucionária, logo após a fuga para Bruxelas, o Mouro viaja à Inglaterra, na companhia de Engels, entre junho e julho daquele ano, para uma pesquisa para a planejada crítica de economia política. Lá os dois percorreram as bibliotecas públicas de Manchester, onde passaram a maior parte do tempo estudando os trabalhos dos economistas políticos ingleses. Antes do retorno a Bruxelas, Marx e Engels passam algumas semanas em Londres, onde foi apresentado por seu

³⁴ SPERBER, 2014, p. 122

³⁵ Marx, Karl. **Crítica da filosofia do Direito de Hegel**. São Paulo: Boitempo, 2010.

³⁶ SPERBER, 2014, p. 129.

³⁷ SPERBER, 2014, p. 131.

³⁸ MARX, Karl. **Manuscritos Econômico-Filosóficos**. São Paulo: Boitempo, 2004.

³⁹ SPERBER, 2014, pp. 150-151

companheiro de viagem a radicais ingleses e alemães que conheceu enquanto trabalhou na fábrica do pai em Manchester:

Os alemães pertenciam a liga dos justos, a principal sociedade secreta de exilados da Alemanha, constituída de várias centenas de artesões radicais experientes e de alguns líderes mais intelectualizados. Os membros dessa sociedade, tanto os da classe operária como aqueles mais instruídos, dividiam-se entre um radicalismo jacobino, na linha dos ideais de Robespierre, e variações do socialismo predominante em Paris. Marx participou desse grupo no período em que viveu na capital francesa; porém, os líderes e ativistas mais obstinados desse movimento foram envolvidos na tentativa de sublevação republicana de 1839, na França, e acabaram deixando o país, estabelecendo-se em Londres, onde se valeram do liberalismo da política britânica para conseguir asilo. Em Londres, os líderes radicais organizaram um novo ramo da sociedade secreta, o qual em meados dos anos 1840 havia se tornado sua mais ampla e ativa filial, abrigando o comitê central do grupo no âmbito de toda a Europa. (SPERBER, 2014, p. 162-163)

Com o retorno a Bruxelas, o envolvimento da dupla na dinâmica política da liga dos justos passa a ser orgânico. Junto com isso, as críticas teóricas e filosóficas aos Jovens Hegelianos que serão apresentadas nas obras entre 1845 e 1847 mostram claramente a ruptura que houve entre o passado hegeliano de Karl e suas formulações cada vez mais maduras.

A obra de Angelo Segrillo (2018), por sua vez, dialoga diretamente com o objetivo da pesquisa, seu tom sério, objetivo e pedagógico, descomplica a compreensão de alguns aspectos, mas a grande virtude dessa biografia é o foco mais diretamente nas obras, não deixando de lado todo o enredo que estava por trás dos ensaios, com o historiador brasileiro sendo firme em suas convicções. A primeira parte da biografia de Segrillo refaz o caminho de Jones e Sperber de forma a indicar a evolução política de Marx através de suas obras por meio das citações das edições MEGA1, MEW e MEGA2⁴⁰.

Em 1844, Marx inicia uma série de estudos sobre a economia política. Estudou os grandes clássicos como Adam Smith, David Ricardo, James Mill, Say, Sismondi e outros, ao aliar as visões filosóficas de Hegel e Feuerbach. As sínteses feitas por Marx desses estudos não foram publicadas durante sua vida, e só viriam a público a partir em 1932 na União Soviética, cuja edição ficou conhecida como Manuscritos de Paris:

São, no total, três manuscritos: o primeiro trata de salários, lucro, capital, renda da terra e trabalho alienado; o segundo das antíteses entre capital, trabalho e propriedade fundiária; o terceiro da relação entre propriedade privada, comunismo e trabalho, terminando com uma visão crítica das teorias de Hegel. (SEGRILLO, 2018, p. 77)

⁴⁰ Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA1), Marx-Engels Werke (MEW) e a Marx-Engels Gesamtausgabe (MEGA2)

Por se tratar do primeiro momento de imersão de Marx no mundo da economia, muitos autores subestimam esta obra, entretanto, vale ressaltar que apesar de não ser uma obra madura, ela possui enorme importância, pois, é a primeira obra em que Marx se apresentará como comunista, momento na qual abandona qualquer forma de idealismo hegeliano do Estado, compreendendo que para resolver o problema social somente através de uma revolução que levaria a extinção do Estado. Neste período também se inicia a relação com seu grande aliado a partir de então, Friedrich Engels, que visita Marx em Paris por 10 dias, em agosto de 1844, os dois já se conheciam, já que Engels escrevia para os mesmos projetos da qual o Mouro editava ainda na Prússia, mas o interesse de se conhecerem pessoalmente surge após o envio do *Esboço a uma Crítica da Economia Política*, que seria editado por Marx. Durante sua estadia em Paris é apresentado a vários intelectuais socialistas franceses e a intelectualidade estrangeira que vivia na capital francesa⁴¹.

2.3 – A Ideologia Alemã e o debate do materialismo histórico

O Jornal bissemanal *Vorwärts!* Foi a saída encontrada por Marx para se manter na França após o fim do *Deutsch-Französische Jahrbücher*. Fundado ainda em 1844 por Heinrich Börnstein, inicialmente o periódico dedicava-se a notícias de entretenimento e literatura, porém, tudo mudou quando Karl foi convidado a editar o jornal, passando a tratar de política, dando uma guinada à esquerda e incomodando com artigos sobre a democratização da Alemanha.⁴² Devido ao teor radical e a boa circulação do *Vorwärts!* o jornal passou a ser visto com maus olhos em toda a Europa, pois seus artigos atacavam todos os governos da Europa. No artigo sobre o levante proletário na Silésia, na Prússia, é possível observar os avanços nas teses revolucionárias de Marx, ao final de 1844, e anseios sobre a classe trabalhadora de seu país natal, mas a gota d'água foram os artigos que pareciam simpáticos ao atentado ao rei Guilherme IV da Prússia. Este passou a pressionar o governo francês a expulsar os alemães que participavam do jornal. Ao final de 1844, Marx foge às pressas de Paris rumo a Bruxelas, e lá escreve três de suas principais obras até então: *A Sagrada Família*: contra Bruno Bauer e consortes (em coautoria com Engels), *A Ideologia Alemã* (Idem) e *A Miséria da Filosofia*⁴³.

⁴¹ SEGRILLO, 2018, p. 85

⁴² SEGRILLO, 2018, p. 85-86.

⁴³ SEGRILLO, 2018, p. 86

*A Sagrada Família*⁴⁴ representou a crítica ao seu próprio passado hegeliano de esquerda. Antes de partir para uma nova filosofia, de modo geral, o livro é um conjunto de artigos, que tem por função criticar vários autores hegelianos de esquerda, de forma irônica e drástica, desde conceitos, a erros de tradução e gramática, mas principalmente levantando a crítica à “mania crítica” dos seus antigos amigos, contudo, um autor “escapou do ataque”, Ludwig Feuerbach, mas não demorou muito para que além de receber sua crítica, ser apresentado ao “programa propositivo” de Karl Marx.

As Teses sobre Feuerbach demonstraram a incapacidade do materialismo até aquele momento, mas diferente de uma crítica pela crítica, Marx e Engels lançaram as bases para uma nova filosofia:

As teses sobre Feuerbach deram a Marx a base teórica para superar o materialismo Feuerbachiano (que era meramente antropológico e não social, meramente teórico e não comportando uma perspectiva revolucionárias). Com a crítica de toda a filosofia alemã clássica para trás, Marx e Engels poderiam agora se dedicar a criar a sua própria visão de mundo, uma forma de materialismo histórico. É isso que fariam em *A Ideologia Alemã*. (SEGRILLO, 2018, p. 94)

O que veio a ser *A Ideologia Alemã*⁴⁵ foi escrito entre o outono de 1845 e julho de 1846, a obra é dividida em dois volumes, mas aqui, vamos nos atentar ao primeiro (Crítica da Novíssima Filosofia Alemã na pessoa de seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner), pois, é no primeiro capítulo deste volume (Sobre Feuerbach) que é feita a apresentação sistemática do materialismo histórico de Marx e Engels, demonstrando as diferenças fundamentais entre o materialismo de Feuerbach:

Nós conhecemos apenas uma ciência, a ciência da história. Pode-se olhar para a história por dois lados e dividi-la em história da natureza e história dos homens. Os dois lados são, porém, inseparáveis: a história da natureza e a história dos homens são dependentes uma da outra desde que os homens existem. (MARX; ENGELS, 2007, p. 28-29)

Enquanto Segrillo aponta uma concepção materialista da história em *A Ideologia Alemã* e que junto a outros pontos levantados ao longo do texto, que serão desenvolvidas por Marx a partir de então; Stendman Jones entende que há a invenção de uma tradição teórica que busca

⁴⁴ Marx, Karl. **A Sagrada Família**: A crítica da Crítica crítica: contra Bruno Bauer e consortes. São Paulo: Boitempo, 2003.

⁴⁵ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã** (crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas). Trad. Rubens Enderle [et all] – São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. (a)

tratar uma concepção materialista da história já em 1845. Sua argumentação está pautada no fato da publicação da *A Ideologia Alemã*, enquanto livro, ter sido feita somente em 1932, e que foi montado artificialmente a partir por Riazanov, na década de 1920, na União Soviética, pelo fato de Marx não ter publicado textos no período entre a publicação da *A Sagrada Família* e seu encontro com Engels na segunda parte do primeiro semestre de 1845, assim como rebaixa o teor da crítica realizada a Feuerbach. Contudo, os argumentos utilizados por Segrillo demonstram que apesar de possuir partes inacabadas, enquanto obra teórica o texto fornece uma série de conceitos (forças produtivas, mudança no modo de produção, relações de intercâmbio, autoatividade) assim como formulações: a divisão do trabalho gera a propriedade privada, ao mesmo tempo que a divisão do trabalho é o primeiro exemplo de alienação⁴⁶.

Entendemos que os textos de Jones e Sperber, apesar de realizarem uma crítica à existência d'*A Ideologia Alemã* enquanto obra acabada, nos fornece uma boa literatura para compreender as relações, obras e críticas, e que gerou um bom avanço na dimensão da sua relação com os jovens hegelianos e Friedrich Engels e como se deu a construção do materialismo histórico dialético, traçando uma linha através dos seus trabalhos intelectuais anteriores, observando assim seus avanços teóricos e prático; já Segrillo sintetiza muito bem o recém criado materialismo histórico de Marx e Engels, de maneira a confirmar a hipótese da presença da concepção na obra *A Ideologia Alemã*.

A leitura contextualizada da obra, após a discussão realizada a partir das biografias e da história das edições histórico-críticas forneceram as ferramentas necessárias para compreender que a apresentação sistemática mesmo que inacabada da hipótese do “materialismo histórico” está presente na primeira parte do texto *A Ideologia Alemã*. Marx foi além da crítica ao materialismo feuerbaquiano, apresentando uma nova concepção e conceitos aplicados a uma breve, mas precisa, análise da História humana em relação às transformações produtivas, à divisão do trabalho e à propriedade, abrangendo principalmente a história europeia, desde a antiguidade clássica até a metade do século XIX. Ao traçar uma linha desde a publicação da Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel, passando por *A Questão Judaica*, *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, *A Sagrada Família* e chegando em *A Ideologia Alemã* enquanto obra filosófica mais madura de Marx até então, e que mesmo sendo um texto incompleto e inacabado, como os editores e pesquisadores da MEGA1, MEW e principalmente a MEGA2 apresentam, a complexidade das críticas ao materialismo naturalista e idealista não

⁴⁶ SEGRILLO, 2018, pp. 100-101

demonstram a continuação de uma tradição idealista, apresenta os limites das velhas concepções e avança no sentido de propor nova fundamentação e um novo método para analisar a História: o materialismo histórico.

CAPÍTULO III

CONHECEMOS UMA ÚNICA CIÊNCIA, A CIÊNCIA DA HISTÓRIA: CATEGORIAS FUNDAMENTAIS EM A IDEOLOGIA ALEMÃ

“Conhecemos apenas uma única ciência, a ciência da história. A história pode ser considerada de dois lados, dividida em história da natureza e história dos homens. No entanto, estes dois aspectos não se podem separar; enquanto existirem homens, a história da natureza e a história dos homens condicionam-se mutuamente. A história da natureza, a chamada ciência da natureza, não é a que aqui nos interessa; na história dos homens, porém, teremos de entrar, visto que quase toda a ideologia se reduz ou a uma concepção deturpada desta história ou a uma completa abstração dela. A ideologia é, ela mesma, apenas um dos aspectos desta história.” (MARX; ENGELS, 2007, p. 86-87)

3.1 – Um fio condutor

Nas obras de Karl Marx podemos encontrar facilmente o emprego da palavra “história”, entretanto, é seguro afirmar que o autor jamais se “especializou”, afinal nunca definiu o conceito de História, e sequer escreveu uma obra dedicada exclusivamente sobre a História. Contudo, seus escritos estão repletos de reflexões sobre a história, mesmo não tendo sido escritos como história. Tomemos como exemplo a primeira parte de *a Ideologia alemã*⁴⁷.

Ao passo que os autores criticam as concepções filosóficas de Feuerbach, Bruno Bauer, Max Stirner e Karl Grun, dentre outros, através da articulação das categorias que viriam a ser essenciais para a dialética marxista, aplicadas a realidade concreta com certo grau de historicidade, entendemos que Marx e Engels fazem um esboço da concepção materialista da história, ao analisar a formação da sociedade burguesa, através das categorias essenciais para análise de sua formação (Divisão do trabalho, propriedade, formas de intercambio, forças produtivas etc.). Com estas categorias, os autores buscaram demonstrar como a sociedade foi se modificando a partir das necessidades reais de seu tempo histórico. Contudo é importante salientar que tanto

⁴⁷ MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas)**. Trad. Rubens Enderle [et all] – São Paulo: Boitempo Editorial, 2007. pp. 25-117

Marx como Engels vão revisitar estes conceitos em outros momentos de sua trajetória intelectual, de modo a aprimorá-los e até ressignificá-los, o que não significa que estavam errados nas formulações elaboradas no período que escreveram o manuscrito, mas simplesmente mostra como o pensamento de ambos esteve em constante processo de desenvolvimento crítico e autocrítico, o que eventualmente exigia reformulações e aperfeiçoamentos, algo que se constata nos estudos realizados até o final de suas vidas. A premissa utilizada por Marx e Engels em seu debate com Feuerbach vai dar a tônica que precisamos para compreender os pressupostos utilizados pelos autores para sintetizar o “fazer histórico”:

“devemos começar por constatar o primeiro pressuposto de toda existência humana e também, portanto, de toda a história, a saber, o pressuposto de que todos os homens têm de estar em condições de viver para poder “fazer história”. Mas, para viver, precisa-se, antes de tudo, de comida, bebida, moradia, vestimenta e algumas coisas a mais. O primeiro ato histórico é, pois, a produção dos meios para a satisfação dessas necessidades, a produção da vida material, e este é, sem dúvida, um ato histórico, uma condição fundamental de toda a história, que ainda hoje, assim como há milênios, tem de ser cumprida diariamente, a cada hora, simplesmente para manter os homens vivos”. (MARX; ENGELS 2007 (a), pp. 32-33,)

Podemos observar como os autores compreendem a necessidade de produzir sua vida material como o primeiro fato histórico, esta produção está intrinsecamente ligada ao desenvolvimento histórico, ou seja, às necessidades materiais necessárias para satisfazer suas necessidades mais imediatas. Com a complexificação das relações sociais e de produção, e do trabalho, Marx e Engels afirmam que um determinado modo de produção ou uma determinada fase industrial estão sempre ligados a um determinado modo de cooperação ou uma determinada fase social, e que a soma das forças produtivas acessíveis ao homem condiciona o estado social e que, portanto, “a história da humanidade” deve ser estudada e elaborada sempre em conexão com a história da indústria e das trocas.⁴⁸

3.2 – As bases históricas do materialismo

Os manuscritos da primeira parte de *A Ideologia alemã* não se resumem a um acerto de contas com o passado hegeliano dos autores, através da crítica a seus representantes à época. Segundo os autores “toda concepção de História da época, via na história apenas ações políticas dos príncipes e dos Estados, lutas religiosas e simplesmente teóricas e, especialmente, que ela

⁴⁸ MARX; ENGELS, 2007, p.34. Cabe destacar aqui que “indústria” é entendido no sentido amplo da palavra, e não no sentido estrito, de atividade fabril industrializada.

tenha de compartilhar, em cada época histórica, da ilusão dessa época.”⁴⁹ De grosso modo, a classe que dispõe da produção material dispõe também dos meios de produção espiritual, logo, as ideias da classe dominante são, em cada época, as ideias dominantes⁵⁰. A concepção de história apresentada por Marx e Engels busca desenvolver o processo real de produção a partir da produção material da vida imediata e em conceber a forma de intercâmbio conectada a esse modo de produção. Ela tem por objetivo manter-se conectada constantemente com a materialidade, com o “o solo da história real”, não de explicar a práxis partindo da ideia, mas de explicar as formações ideais a partir da prática material, de modo a demolir as enganações idealistas da classe dominante da época. Por isto, segundo nossos pensadores, “Toda concepção histórica até então ou tem deixado completamente desconsiderada essa base real da história, ou a tem considerado apenas como algo acessório, fora de toda e qualquer conexão com o fluxo histórico.”⁵¹

Na edição mais recente de *A Ideologia Alemã* da editora Boitempo, apresenta os manuscritos do capítulo “I. Feuerbach” em sua fragmentação original, dispostos em partes independentes e em ordem cronológica, seguindo os critérios filológicos orientados pela MEGA2, assim, escolhemos o trecho designado como Rascunho das páginas 36 a 72. Originalmente concebido como parte de uma crítica a Max Stirner, intitulada *São Max. Novo Testamento. A sociedade como sociedade burguesa*⁵² dado que é o maior manuscrito da primeira parte, além disso, ao longo de 27 páginas, Marx e Engels buscam analisar como se dá a formação da sociedade burguesa a partir de uma análise materialista e radicalmente histórica. As categorias desenvolvidas ao longo do trecho estão sempre em diálogo e intercâmbio entre elas, pois é justamente a partir da concatenação delas que conseguimos explicar historicamente esta ou aquela conjuntura, de acordo com pressupostos reais e específicos de dada realidade:

Com a cidade surge, ao mesmo tempo, a necessidade da administração, da polícia, dos impostos etc., em uma palavra, a necessidade da organização comunitária e, desse modo, da política em geral. Aqui se mostra, pela primeira vez, a divisão da população em duas grandes classes, que se baseiam diretamente na divisão do trabalho e nos instrumentos de produção. (MARX; ENGELS. 2007 (a), p. 52,)

⁴⁹ MARX; ENGELS, 2007, p. 44

⁵⁰ MARX; ENGELS, 2007, p.47

⁵¹ MARX; ENGELS, 2007, p. 43

⁵² MARX; ENGELS, pp 51-78, 2007

Ao longo de toda a primeira parte de *A Ideologia Alemã*, os autores vão demonstrar a importância de determinadas categorias para o desenvolvimento da sociedade historicamente. A primeira que gostaria de destacar é o conceito de divisão do trabalho, que segundo Marx e Engels em um primeiro momento se dá de forma “natural”, mas que se torna verdadeiramente divisão a partir do momento em que se divide entre trabalho material e espiritual⁵³. Dentro do contexto de formação da sociedade burguesa a divisão do trabalho está intrinsecamente ligada ao grau de desenvolvimento concreto da sociedade e da indústria, mas também na divisão entre burguesia e proletariado:

“A divisão do trabalho [...] se expressa também na classe dominante como divisão entre trabalho espiritual e trabalho material, de maneira que, no interior dessa classe, uma parte aparece como os pensadores dessa classe, como seus ideólogos ativos, criadores de conceitos, que fazem da atividade de formação da ilusão dessa classe sobre si mesma o seu meio principal de subsistência, enquanto os outros se comportam diante dessas ideias e ilusões de forma mais passiva e receptiva, pois são, na realidade, os membros ativos dessa classe e têm menos tempo para formar ilusões e ideias sobre si próprios” (MARX; ENGELS, 2007, pp. 47-48)

3.3 – As categorias fundamentais em *A Ideologia Alemã*

Segundo Marx e Engels, a maior divisão entre trabalho material e espiritual é a separação entre cidade e campo⁵⁴, no contexto da Idade Média, ao passo que os servos se tornavam livres, o trabalho particular era a única propriedade que estes possuíam. Logo, observou-se a formação de um trabalho do tipo cooperativo, que transformou as cidades em verdadeiras “associações”, criadas pela necessidade imediata, pela preocupação com a defesa da propriedade e para multiplicar os meios de produção e os meios de defesa dos membros individuais. O desenvolvimento das relações de produção dentro destas cidades transformou o antigo capital natural (de intercâmbio não desenvolvido e circulação incompleta, pois consistia basicamente em um legado passado de pai para filho) em capital estamental (ligado ao trabalho determinado de cada “estamento”). Assim como a expansão da divisão do trabalho gerou a separação entre produção e comércio, o que permitiu a expansão do comércio para outras cidades e regiões, e que como consequência imediata disso, nascem as condições de surgimento das manufaturas, o que gerou uma concentração populacional especialmente no campo, como também do capital, que começa a acumular-se em poucas mãos, principalmente nas chamadas corporações.

⁵³ MARX; ENGELS, 2007, p.35. Para “trabalho espiritual” leia-se “trabalho intelectual”

⁵⁴ MARX; ENGELS, 2007, p. 52

Nesse sentido, o trecho analisado até aqui demonstrou a importância da divisão do trabalho para a compreensão da sociedade burguesa historicamente constituída. Após o surgimento das manufaturas de livre corporação alteram-se as relações de propriedade, acelerou-se a concentração de capital móvel, que com a ajuda do comércio, cria a grande burguesia ao passo que gera a derrocada da pequena burguesia ligada às corporações. Neste processo, percebe-se uma perda do caráter “natural” do capital ao longo de toda Idade Média, dando início a uma nova fase industrial:

A concentração do comércio e da manufatura num só país, a Inglaterra, concentração que se desenvolveu incessantemente no século XVII, criou gradualmente para esse país um relativo mercado mundial e, com isso, uma demanda por seus produtos manufaturados, demanda esta que não podia mais ser satisfeita pelas forças produtivas industriais anteriores. Essa demanda, que crescera para além dos limites das forças de produção, foi a força motriz que deu origem ao terceiro período da propriedade privada desde a Idade Média, criando a grande indústria – a utilização de forças elementares para fins industriais, a maquinaria e a mais desenvolvida divisão do trabalho. (MARX; ENGELS. pp. 59-60, 2007)

A grande indústria reificou as relações econômicas e sociais, pois, ao tornar toda nação civilizada e cada indivíduo dentro dela dependentes, submeteu o mundo às suas condições, gerando desigualdade no centro e na periferia do sistema, tornando o antagonismo de classes entre burguesia e proletariado a sua tônica, um sistema de exploração que torna o trabalho insuportável para o trabalhador, que não possui quaisquer controles sobre suas próprias condições de vida, o que tende a gerar um conflito entre as classes:

Essas forças produtivas, sob o regime da propriedade privada, obtêm apenas um desenvolvimento unilateral, convertem-se para a maioria em forças destrutivas e uma grande quantidade dessas forças não consegue alcançar a menor utilização na propriedade privada. A grande indústria, em geral, criou por toda a parte as mesmas relações entre classes da sociedade e suprimiu por meio disso a particularidade das diversas nacionalidades. E finalmente, enquanto a burguesia de cada nação conserva ainda interesses nacionais à parte, a grande indústria criou uma classe que tem em todas as nações o mesmo interesse e na qual toda nacionalidade já está destruída; uma classe que, de fato, está livre de todo o mundo antigo e, ao mesmo tempo, com ele se defronta. A grande indústria torna insuportável para o trabalhador não apenas a relação com o capitalista, mas sim o próprio trabalho. (MARX; ENGELS, 2007, pp. 60-61)

Marx e Engels explicam através de sua concepção que todas as colisões na história têm sua origem na contradição entre forças produtivas e formas de intercâmbio, ou seja, a contradição entre o desenvolvimento da maquinaria e as tantas formas de organização do trabalho. Os autores entenderam que:

Essa contradição entre as forças produtivas e a forma de intercâmbio, que, como vimos, ocorreu várias vezes na história anterior sem, no entanto, ameaçar o seu fundamento, teve de irromper numa revolução em que a contradição assumiu ao mesmo tempo diversas formas acessórias, tais como totalidade de colisões, colisões entre classes distintas, contradição da consciência, luta de ideias, luta política etc. De um ponto de vista limitado, pode-se isolar, então, uma dessas formas acessórias e considerá-la como a base dessas revoluções, o que é tanto mais fácil na medida em que os indivíduos que promoveram as revoluções guardavam ilusões sobre sua própria atividade, segundo seu grau de formação e seu estágio de desenvolvimento histórico.” (MARX; ENGELS. pp. 61)

Em cada período se fez necessário a união das forças produtivas existentes, na medida em que isso era exigido pelas necessidades, a grande indústria não alcançou o mesmo nível de desenvolvimento em todas as localidades de um mesmo país,

A Ideologia Alemã nos fornece uma concepção sistematizada de análise da sociedade historicamente constituída. Contudo, é preciso ressaltar o caráter incompleto dos manuscritos, pois essa incompletude deixa clara a existência de lacunas, principalmente pelo insuficiente suporte de diálogo com as outras ciências, dado o momento histórico em que viveram. Apesar destes aspectos, enquanto obra de ruptura com o idealismo hegeliano e com o historicismo, é possível afirmar que os manuscritos precisam ser encarados para além de uma evolução clara do pensamento dos autores. A obra fornece e dialoga criticamente com conceitos essenciais para a História acadêmica que se produzia até então, cujo impacto maior se dará ao longo de todo o século XX.

O materialismo histórico que foi apresentado a primeira vez n’*A Ideologia alemã* deve ser entendido enquanto um ponto de partida, não um ponto de chegada. Desde então, seguiu sendo analisado, criticado, aprimorado por outros tantos autores marxistas, e ainda hoje reconhecido como um método científico radicalmente histórico de interpretar a História, explicitando a importância da obra deixada por Marx e Engels.

CONCLUSÃO

Segundo Pierre Vilar⁵⁵, apesar dos manuscritos de *a ideologia alemã* manterem um caráter ainda filosófico, carregam lições no tocante à noção de história, e faz com que elas não sejam apenas técnicas, científicas, são elementos que o historiador deve ter presente, mas também, com frequência, considerações a inserir na volumosa pasta de discussões sobre a história, sobre a necessidade do “espírito histórico” em geral, senão mesmo de um “historicismo” sistemático.

Os manuscritos que compõe a Ideologia alemã contêm por vezes, fórmulas, páginas que desenvolvem o essencial do que deve um dia guiar o trabalho historiográfico⁵⁶, Marx e Engels em seu “exame de consciência filosófico” esboçaram o que seriam as bases do materialismo histórico:

A Ideologia Alemã não é um livro de história; mas é seguramente obra de historiadores: antes de mais nada, por causa dos princípios que extraímos do texto, mais explícitos, menos expostos à exegese imprudente do que algumas formulações posteriores, sistematizadas, sedutoras pela sua concisão; depois, por causa de alguns desenvolvimentos parciais, que serão, porém, melhor tratados nos escritos mais tardios, mas onde já se delineia o domínio na exposição, embora com diferentes graus de informação. Conhecemos suficientemente as leituras de Marx na época da Ideologia Alemã para estar em condições de avaliar o progresso que estava realizando no conhecimento do passado das técnicas, das economias, da história social. (VILLAR. pp. 113, 1979)

Para Eric Hobsbawm a concepção materialista da história presente em A Ideologia alemã não é história, mas um guia, um programa de pesquisa. “É a base da explicação histórica, mas não a explicação histórica em si”⁵⁷. Embora tudo o que Marx escreveu esteja impregnado de história, ele próprio não escreveu muita história tal como os historiadores entendem, o grosso

⁵⁵ VILAR, Pierre. Marx e a História. In: Eric Hobsbawm (Org.). **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (pp. 104-106)

⁵⁶ VILAR, p.100, 1979.

⁵⁷ HOBBSAWM, p. 173, 1998.

da obra histórica de Marx está integrado nos seus escritos teóricos e políticos, estes consideram o desenvolvimento histórico em um quadro referencial de maior ou menor duração, abrangendo a amplitude global do desenvolvimento humano. Uma característica essencial do pensamento histórico de Marx é a de não ser nem “sociológico” nem “econômico”, mas ambos simultaneamente. As relações sociais de produção e reprodução (ou seja, organização social em seu sentido mais amplo) e as forças materiais de produção não podem ser divorciadas⁵⁸. Por fim, o historiador inglês considera que Marx continua a ser a base essencial de todo estudo adequado de história, porque, até agora, apenas ele tentou formular uma abordagem metodológica da história como um todo, e considerar e explicar todo o processo da evolução social humana.⁵⁹ É verdade que isso não se deu apenas graças a Karl Marx, mas o marxismo foi provavelmente a principal influência na “modernização” da historiografia.

Entendemos que os textos de Jones e Sperber, apesar de realizarem uma crítica à existência d’*A Ideologia Alemã* enquanto obra acabada, nos fornece uma boa literatura para compreender as relações, obras e críticas, e que gerou um bom avanço na dimensão da sua relação com os jovens hegelianos e Friedrich Engels e como se deu a construção do materialismo histórico dialético, traçando uma linha através do seus trabalhos intelectuais anteriores, observando assim seus avanços teóricos e prático; já Segrillo sintetiza muito bem o recém criado materialismo histórico de Marx e Engels, de maneira a confirmar a hipótese da presença da concepção na obra *A Ideologia Alemã*.

A leitura contextualizada da obra, após a discussão realizada a partir das biografias e da história das edições histórico-críticas forneceram as ferramentas necessárias para compreender que a apresentação sistemática mesmo que inacabada da hipótese do “materialismo histórico” está presente na primeira parte do texto *A Ideologia Alemã*. Marx foi além da crítica ao materialismo feuerbaquiano, apresentando uma nova concepção e conceitos aplicados a uma breve, mas precisa, análise da História humana em relação às transformações produtivas, à divisão do trabalho e à propriedade, abrangendo principalmente a história europeia, desde a antiguidade clássica até a metade do século XIX. Ao traçar uma linha desde a publicação da Introdução à crítica da filosofia do direito de Hegel, passando por *A Questão Judaica*, *Manuscritos Econômicos-Filosóficos*, *A Sagrada Família* e chegando em *A Ideologia Alemã*

⁵⁸HOBSBAWM, p. 165, 1998.

⁵⁹ HOBSBAWM, p. 180, 1998.

enquanto obra filosófica mais madura de Marx até então, e que mesmo sendo um texto incompleto e inacabado, como os editores e pesquisadores da MEGA1, MEW e principalmente a MEGA2 apresentam, a complexidade das críticas ao materialismo naturalista e idealista não demonstram a continuação de uma tradição idealista, apresenta os limites das velhas concepções e avança no sentido de propor nova fundamentação e um novo método para analisar a História: o materialismo histórico.

A Ideologia Alemã nos fornece uma concepção sistematizada de análise da sociedade historicamente constituída. Contudo, é preciso ressaltar o caráter incompleto dos manuscritos, pois essa incompletude deixa clara a existência de lacunas, principalmente pelo insuficiente suporte de diálogo com as outras ciências, dado o momento histórico em que viveram. Apesar destes aspectos, enquanto obra de ruptura com o idealismo hegeliano e com o historicismo, é possível afirmar que os manuscritos precisam ser encarados para além de uma evolução clara do pensamento dos autores. A obra fornece e dialoga criticamente com conceitos essenciais para a História acadêmica que se produzia até então, cujo impacto maior se dará ao longo de todo o século XX.

O materialismo histórico que foi apresentado a primeira vez n'*A Ideologia alemã* deve ser entendido enquanto um ponto de partida, não um ponto de chegada. Desde então, seguiu sendo analisado, criticado, aprimorado por outros tantos autores marxistas, e ainda hoje reconhecido como um método científico radicalmente histórico de interpretar a História, explicitando a importância da obra deixada por Marx e Engels.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

AMADEO, Javier. Mapeando o marxismo. In: BORON, Atílio [et all] (org.). **A teoria marxista hoje: problemas e perspectivas**. Buenos Aires: CLACSO, 2006 (pp. 51/97).

CERQUEIRA, Hugo E. A da Gama. **Breve história da edição crítica das obras de Karl Marx**. In: **Revista de Economia Política**, vol. 35, nº 4 (141), pp. 825-844, outubro-dezembro/2015

DIAS, Edmundo Fernandes. **Revolução e História: das Teses ao Manifesto**. São Paulo: Editora Sundermann, 2011.

DOSSE, François. História e historiadores no século XIX. In: MALERBA, Jurandir (org.). **Lições de História: o caminho da ciência no longo século XIX**. Rio de Janeiro: Ed. FGV, 2010 (pp. 15/32).

FERNANDES, Florestan. Introdução. In: **Marx/Engels (História)**. São Paulo: Ática, 1984 (pp. 9/143).

HOBBSBAWM, Eric. **Sobre História**. São Paulo: Cia. das Letras, 1998.

HUBMAMM, Gerald. Da política à filologia: a Marx-Engels Gesamtausgabe. In: **Crítica Marxista**, nº 34, 2012, pp. 33/49.

JONES, Gareth Stedman. **Karl Marx: grandeza e ilusão**. São Paulo: Cia. das Letras, 2017.

MACLELLAN, David. A concepção Materialista da História: In: Eric Hobsbawm (Org.). **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979 (pp. 67/89)

MARXHAUSEN, Thomas. História crítica das Obras completas de Marx e Engels (MEGA). In: **Crítica Marxista**, nº 39, 2014, pp. 95/124.

MARX, Karl e ENGELS, Friedrich. **A ideologia alemã (crítica da mais recente filosofia alemã em seus representantes Feuerbach, B. Bauer e Stirner, e do socialismo alemão em seus diferentes profetas)**. Trad. Rubens Enderle [et all] – São Paulo: Boitempo Editorial, 2007.

MUSTO, Marcello. **Vicissitudes e novos estudos de A Ideologia Alemã**.

NETTO, José Paulo. **Karl Marx: uma biografia**. - 1. ed. - São Paulo: Boitempo, 2020.

SPERBER, Jonathan. **Karl Marx: uma vida do século XIX**. São Paulo: Amarilys, 2014.

VILAR, Pierre. Marx e a História. In: Eric Hobsbawm (Org.). **História do marxismo**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1979. (pp. 91/126)

XIAOPING, Wei. **Rethinking historical materialism: the new edition of The German Ideology**. Science & Society, v. 74 (4): 489-508 (2010).